

NA ENCRUZILHADA ENTRE ESPERANÇA E DESESPERANÇA: A ARTE-EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO RECÔNCAVO BAIANO

Fredson De Oliveira Martins ¹
Tatiana Polliana Pinto De Lima ²

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a encruzilhada entre esperança e desesperança na arte-educação antirracista em Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, a partir da minha atuação como arte-educador no município desde 2019. A pesquisa busca compreender como práticas pedagógicas em arte podem atuar como espaços de resistência e reencantamento frente às violências simbólicas e institucionais que atravessam os corpos negros no cotidiano escolar. O referencial teórico-metodológico articula os pensamentos de Paulo Freire, Ana Mae Barbosa e Luiz Rufino. Freire (2004) sustenta a esperança como prática transformadora e aposta na potência da educação como gesto político; Barbosa (2009) oferece a Abordagem Triangular como instrumento para desenvolver contextualizações, apreciações e fazeres artísticos críticos e sensíveis no ensino das artes; Rufino (2018) propõe a Pedagogia das Encruzilhadas como abertura para saberes encantados e ancestrais. A metodologia qualitativa se ancora em registros de oficinas, rodas de conversa, vivências em capoeira, literatura afro-brasileira e teatro, em diálogo com estudantes, educadores e a comunidade. Os resultados apontam que, mesmo diante do desencantamento provocado por estruturas racistas e pela negligência das políticas públicas, a arte-educação, quando centrada em epistemologias negras e práticas coletivas, pode gerar experiências de pertencimento, escuta e reinvenção. O trabalho se inscreve como testemunho de uma prática pedagógica que afirma a vida e resiste aos apagamentos, reafirmando que nas encruzilhadas – entre o silêncio e a criação, o medo e o sonho – é possível cultivar a esperança como força de travessia. A esperança é uma lagoa no semiárido.

Palavras-chave: arte-educação, antirracismo, esperança, encruzilhada, encantamento.

¹ Possui especialização em Docência no Ensino de Literatura (FACUMINAS, 2025); graduação em Licenciatura Interdisciplinar em Artes pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB, 2024) e Técnico em Palco pelo Programa de Práticas e Técnicas para as Artes Cênicas do Instituto do Teatro Brasileiro (ITB, 2024), fredaonmarins@gmail.com;

² Possui graduação (Licenciatura e Bacharelado) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2000), e licenciatura em Pedagogia pela UNIFACS (2021), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2004) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2016), tatianalima@ufrb.edu.br;

INTRODUÇÃO

A arte-educação antirracista emerge como campo de intervenção e reflexão fundamental em contextos escolares atravessados pela colonialidade do saber, do ser e do poder, sobretudo no Recôncavo Baiano, território marcado por profundas memórias ancestrais e por resistências culturais históricas. Desde 2019, atuando como professor de Arte-Educação no município de Santo Amaro/BA, tenho me deparado com a complexidade de um cenário que se configura como uma verdadeira encruzilhada: na qual esperança e desesperança, encantamento e desencantamento, saberes tradicionais e práticas escolares hegemônicas coexistem e se tensionam.

O objeto desta pesquisa é investigar como práticas pedagógicas poéticas, sensíveis e decoloniais podem atuar como dispositivos de reencantamento do mundo e de produção de esperança, particularmente entre estudantes e educadores(as) negros(as) das escolas públicas. A relevância do estudo se ancora na necessidade de ampliar as possibilidades de existência e de protagonismo desses sujeitos, frente a políticas educativas historicamente negligentes e currículos que, muitas vezes, silenciam ou marginalizam saberes afro-brasileiros.

Teoricamente, o estudo dialoga com Paulo Freire (2016), que compreende a esperança como força insurgente e prática transformadora; Ana Mae Barbosa (2009), que propõe a Abordagem Triangular como instrumento para o desenvolvimento de apreciações críticas e sensíveis no ensino das artes; e Luiz Rufino (2018, 2019), cuja Pedagogia das Encruzilhadas valoriza saberes ancestrais e encantados como elementos centrais de construção de subjetividade e resistência. Complementam o referencial autores que discutem epistemologias decoloniais, pedagogias afro-brasileiras e educação estética, oferecendo suporte para compreender as múltiplas dimensões das práticas educativas.

O objetivo geral deste estudo é analisar de que modo práticas de arte-educação antirracista em Santo Amaro podem tensionar a dualidade entre esperança e desesperança vivenciada por educadores(as) e estudantes em contextos escolares marcados por heranças coloniais.

Metodologicamente, a pesquisa adota abordagem qualitativa, baseada em registros de oficinas, rodas de conversa, vivências em capoeira, literatura afro-brasileira e teatro, em diálogo com estudantes, educadores(as) e comunidade local. A escuta sensível, tanto da





própria experiência quanto da experiência de colegas de docência, constitui o eixo central da coleta de dados, permitindo uma equalização entre vivências e reflexões teóricas.

Os resultados indicam que, mesmo diante do desencantamento provocado por estruturas racistas e pela negligência das políticas públicas, a arte-educação centrada em epistemologias negras e práticas coletivas favorece experiências de pertencimento, escuta, valorização cultural e reinvenção do cotidiano escolar.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se ancora em uma abordagem qualitativa e (auto)biográfica, comprometida com a escuta sensível e a produção de sentidos a partir das vivências cotidianas no espaço escolar. O estudo parte da minha atuação como arte-educador desde 2019 em Santo Amaro, território marcado por intensas contradições entre colonialidade e decolonialidade, esperança e desesperança, encantamento e desencantamento. É nesse chão que a investigação se desdobra, fazendo da escola um lugar de escuta, observação e reinvenção.

O campo empírico compreende a escola pública em que atuo, bem como as experiências de colegas docentes que compartilham comigo o cotidiano pedagógico. A metodologia se inspira na Pedagogia da Circularidade (Ferreira, 2019), considerando que o saber não é propriedade de um sujeito isolado, mas resultado de movimento, deslocamento e travessia entre vozes. Essas vozes se cruzam e se entrelaçam na tessitura da prática pedagógica, e é na confluência entre minha docência, a de outros educadores e a mediação com os estudantes que a pesquisa encontra seu sustentáculo.

Além disso, a Abordagem Triangular (Barbosa, 2009) é utilizada como instrumento para desenvolver contextualizações, apreciações e fazeres artísticos críticos e sensíveis no ensino das artes, permitindo articular teoria, prática e reflexão em uma relação dialógica entre educadores e educandos.

A escuta constitui o eixo central do trabalho, envolvendo a atenção ao outro e a autoescuta enquanto educador em constante formação. Para isso, serão utilizados dispositivos metodológicos diversos: diários de campo, cadernos de criação, entrevistas narrativas, gravações de rodas de conversa, atividades artísticas coletivas (como oficinas de capoeira, literatura e fanzines) e observações participantes em contextos escolares e comunitários.





O objetivo é construir uma equalização das experiências, reconhecendo que o saber emerge da pluralidade e do entrelaçamento de trajetórias. A escuta é, nesse contexto, compreendida como prática ética e estética de pesquisa, que convoca corpo, memória, silêncio e palavras como vias legítimas de construção de conhecimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa se ancora na encruzilhada simbólica e epistemológica entre esperança e desesperança, encantamento e desencantamento, colonialidade e decolonialidade, com foco na arte-educação antirracista no Recôncavo Baiano, especialmente em Santo Amaro. A encruzilhada é compreendida como um território de travessia e confronto, onde se tensionam modos de existir, conhecer e mediar, em um país atravessado pela colonialidade do poder, do saber e do ser.

A esperança, nesse contexto, não é uma abstração ingênua ou romântica, mas uma força vital que resiste à lógica da escassez e à pedagogia da submissão. É impulso, é urgência de existir apesar da dor. É ímpeto que movimenta o corpo e a consciência, que sustenta a luta cotidiana de ser e permanecer no mundo quando o mundo insiste em negar. A esperança é, portanto, potência criadora: move ações, alimenta a inovação, sustenta a perseverança e projeta horizontes de reparação. Quando esse ímpeto é abortado — sobretudo em nós, pessoas pretas

— instala-se a desesperança como paralisia, esvaziamento e perda de futuro.

Paulo Freire (2016, p. 70-71) nos adverte com clareza: “Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser da esperança que, por ‘n’ razões, se tornou desesperançado.” Nesse sentido, a desesperança não é essência, mas condição histórica provocada. É efeito de sistemas que nos recusam, de escolas que nos desencaixam, de epistemologias que nos silenciam. Em um território tensionado por forças coloniais cotidianas — como é o caso das escolas públicas em Santo Amaro — compreender essa esperança como fundante é reposicionar a subjetividade negra diante das tentativas contínuas de apagamento e controle. A desesperança é real, mas não pode ser para sempre.





A esperança também se manifesta como lagoa no semiárido — metáfora de resistência e resiliência. Ela é reservatório de vida e força contra a aridez simbólica e material que atravessa o território, sendo o espaço onde estudantes de axé florescem, reinventam a escola e resistem ao desencanto. Mary Grey (2000, apud hooks, 2021) reforça que viver pela esperança é acreditar que vale a pena dar o próximo passo, mesmo em situações desesperadoras, reconhecendo a ação como compromisso e cuidado com a vida.

A educação, nesse horizonte, é um acontecimento humano radical, um entre-lugar de encontro entre vida, arte e conhecimento (Bakhtin, 2010, 2011; Amorim, 2004). Ela deve ser prática de escuta, presença e travessia, reconhecendo a pluralidade de vozes, culturas e epistemes, assumindo a esperança como postura ética diante da barbárie.

O projeto colonial, segundo Césaire (2010), estruturou práticas educativas voltadas à subjugação, moldando repertórios e subjetividades sob a lógica da dominação. Romper com essa formação exige, como propõe Freire (2016), não apenas denúncia, mas criação de novas formas de ser, saber, ensinar e aprender. Nesse sentido, a Pedagogia das Encruzilhadas de Rufino (2019) surge como proposta político-pedagógica que descoloniza escola, rua e corpo, convertendo-os em territórios de insurgência.

A arte-educação, nesse contexto, é axé: potência vital que circula, pulsa e se reinventa nos encontros. O reconhecimento de terreiros, blocos afro, rodas de capoeira, oralitura e corporeidade como espaços legítimos de saber desmantela a matriz colonial do pensamento único e abre caminho para o reencantamento do mundo. Combatendo epistemicídios (Carneiro, 2005) e desperdícios de experiências (Santos, 2008), essa prática valoriza saberes e cosmovisões africanas e ameríndias, revalorizando princípios como o de Exu, que ressurgiu como fundamento de pedagogias de resistência.

O desencantamento, conforme Rufino e Simas (2020), não é mero estado emocional, mas projeto político que busca subordinar, esquecer e interromper formas de existência que escapam à lógica hegemônica. Em Santo Amaro, manifesta-se quando a voz negra é silenciada, quando o currículo ignora o Bembé do Mercado, quando terreiros são demonizados e o corpo é interditado. Contudo, cantos, saberes encantados e pedagogias de reexistência persistem e insistem.

Como afirma Rufino (2023, p. 84):





O corpo brinca, ginga, inventa, desdiz, gargalha, abraça, grita, corre, e isso incomoda aquilo que diz ser educação, mas é na verdade catequese. Não há possibilidade de mirarmos um Brasil mais justo, saudável e responsável com seus praticantes sem que essa mirada seja tomada por um compromisso educativo.

Portanto, esta pesquisa se firma no compromisso com uma arte-educação antirracista e decolonial, que dança na encruzilhada entre esperança e desesperança — entre o ímpeto natural e o aborto desse ímpeto. A esperança, aqui, não é negação da dor, mas coragem de atravessá-la; não é fuga do desencanto, mas aposta na sua transmutação. A educação é, portanto, gesto ético de refundar o mundo a partir de nossos corpos, histórias e encruzilhadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados em oficinas de arte-educação, rodas de conversa, vivências em capoeira, literatura afro-brasileira e teatro evidencia a tensão entre esperança e desesperança no cotidiano escolar de Santo Amaro. As práticas coletivas promovem espaços de escuta, cuidado e pertencimento, permitindo que estudantes e educadores se reconheçam em suas identidades, culturas e expressões corporais. Conforme bell hooks (2021), a esperança é cultivada quando o ambiente educativo valoriza a comunidade, o afeto e a ação coletiva, ampliando os horizontes de participação e subjetivação.

As experiências de capoeira, literatura e fanzines revelam que o corpo, a oralidade e a estética afro-brasileira funcionam como dispositivos de resistência ao desencanto escolar. A Pedagogia das Encruzilhadas (Rufino, 2019) se manifesta na abertura de frestas de esperança e reencantamento, transformando o espaço escolar em território de insurgência ética e pedagógica. Momentos de dança, canto e expressão corporal surgem como instâncias de reinvenção do cotidiano e afirmação de vida.

Os dados também indicam o impacto da colonialidade do saber, do poder e do ser, que ainda se faz presente nos currículos e nas práticas pedagógicas, silenciando vozes negras e modos de existir. Contudo, quando os saberes ancestrais são incorporados à prática pedagógica, emergem novas possibilidades de existir na escola. A escuta sensível, o reconhecimento das experiências e a valorização da estética negra contribuem para que a esperança se fortaleça como força ativa e insurgente, gerando aprendizagem, pertencimento e transformação.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidencia que a arte-educação antirracista, quando ancorada em epistemologias negras e práticas coletivas, atua como tecnologia de encantamento e território de travessia. Mesmo diante do desencantamento gerado pela colonialidade do saber, do poder e do ser, observa-se que práticas pedagógicas sensíveis — como capoeira, literatura, teatro e rodas de criação — possibilitam experiências de escuta, pertencimento e reinvenção para estudantes e educadores(as).

A esperança, conforme discutido ao longo do estudo, não se apresenta como abstração ingênua, mas como força vital e insurgente capaz de atravessar o desencanto e criar novas possibilidades de existência. Retornar à “lagoa” — como metáfora de memória, ancestralidade e poética negra — significa afirmar a vida, a cultura e a potência criadora dos corpos historicamente marginalizados.

Como lembra Conceição Evaristo:

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente naufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.
(EVARISTO, 2017, p. 11)

Essa retomada da memória e da ancestralidade reforça que a educação, quando situada no diálogo entre arte, história e saberes locais, pode se constituir como ferramenta de resistência e de encantamento. O estudo aponta para a relevância de continuar investigando práticas de arte-educação em contextos similares, de modo a fortalecer estratégias pedagógicas que promovam a inclusão, o pertencimento e o reencantamento do cotidiano escolar.

Em termos de aplicação empírica, os achados sugerem que políticas e projetos educativos devem valorizar o corpo, a oralidade, a estética e os saberes ancestrais como parte





integrante do currículo, garantindo que a educação pública seja um espaço de afirmação da vida e de cultivo da esperança. Por fim, abre-se a necessidade de novas pesquisas que aprofundem os diálogos entre práticas artísticas, pedagogias decoloniais e experiências de resistência nos territórios, contribuindo para a construção de escolas mais justas, sensíveis e afirmativas.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa, 2004.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato**. São Paulo: Pedro e João Editores, 2010.

BARBOSA, A. e COUTINHO, R. **Arte/Educação como Mediação Social e Cultural**. São Paulo: UNESP, 2009, 346 p.

CARNEIRO, A. S. **A Construção do outro como não-ser fundamento do ser**. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

CÉSARIE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução, Anísio Garcez Homem. Letras Contemporâneas. 2010.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da circularidade afrocênica: diretrizes metodológicas inspiradas nas ensinagens da tradição do Candomblé Congo-Angola**. 271f. Tese, Doutorado em Artes Cênicas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

hooks, bell. **Ensinando a comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: Elefante, 2021.

RUFINO, Luiz e SIMAS, Luiz Antonio. **Encantamento: sobre política de vida**. 1º ed- Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.





RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2008.

